

## ÍNDICE

PREFÁCIO.....	13
INTRODUÇÃO.....	15
ESTRUTURA DO ENSAIO.....	23
AGRADECIMENTOS.....	25

### CAPÍTULO I

CIÊNCIA PSIQUIÁTRICA E DESORDEM DE <i>STRESS</i> PÓS-TRAUMÁTICO.....	27
---	----

1. Mundos ou versões de mundos: psiquiatria e transformação paradigmática..... 29
2. A desordem de *stress* pós-traumático: nosologia e critérios de diagnóstico..... 40
3. A desordem de *stress* pós-traumático: aspectos culturais e ideológicos..... 42

### CAPÍTULO II

TERAPIAS.....	49
1. A desordem de <i>stress</i> pós-traumático e as psicoterapias.....	51
2. Três abordagens psicoterapêuticas.....	55

### CAPÍTULO III

<b>A DESORDEM DE <i>STRESS</i> PÓS-TRAUMÁTICO E O CONTEXTO PORTUGUÊS</b> .....	59
1. A desordem de <i>stress</i> pós-traumático e o Serviço de Psicoterapia Comportamental do Hospital Júlio de Matos.....	61
2. A «intervenção comportamental».....	64
3. A desordem de <i>stress</i> pós-traumático e as guerras coloniais (primeiros elementos).....	68

### CAPÍTULO IV

<b>TRAUMA, MEMÓRIA, TOTALIDADE</b> .....	77
1. Memória, criatividade.....	79
2. Humanizar o inumano, inventar a História.....	98

### CAPÍTULO V

<b>LIMINARIDADE E METAMORFOSE</b> .....	101
1. Transformação ontológica ou metamorfose.....	103
2. Trauma e metamorfose.....	105
3. Duas sequências etnográficas.....	106
4. Descontinuidade/transformação/irreversibilidade.....	115
5. Invisibilidade, visibilidade.....	116
6. Coda.....	119

### CAPÍTULO VI

<b>TOPOGRAFIAS DE MEMÓRIA</b> .....	121
1. Histórias a consignar.....	123
2. A APOIAR.....	124
3. Silêncios.....	139

## CAPÍTULO VII

CONCLUSÃO.....	147
PÓS-ESCRITO: AS APORIAS DO TEMPO.....	151
BIBLIOGRAFIA.....	155
ÍNDICE DE AUTORES.....	165

## PREFÁCIO

Que essa associação tenha desempenhado importante papel nos homens portugueses que foram enviados para lutar em África? Tudo se para saber seguramente sua situação política, que há muito se sabia ser inevitável, para a luta colonial portuguesa. Todas as guerras são abusivas. Mas que acontece com quem não se liberta quando chega o fim da guerra e se encontra sem que simplesmente tudo tenha sido o sofrimento? Uma grande parte dos homens portugueses que ajudaram a lutar por África ficaram por esquecer esqueceram o seu lugar no quotidiano e, de outra forma de outra, conseguiram atingir alguns aspectos de sentido a esse desvio estranho no seu percurso de vida. Outros, porém, por não terem sido profundamente humanizados que, mesmo se não se desentendiam mais tarde, não puderam reconhecer um equilíbrio.

Quando Luís Quintais me veio desafiar para orientar o seu trabalho, o tema que me veio a ocorrer em mente. Queríamos explorar a relação entre a vida e a cidadania através de um estudo de como os indivíduos que tinham perdido a consciência se readaptavam ao seu corpo e à sua nova condição física-social.

Como então nasceu este livro por se debruçar sobre a memória do trauma que resulta de se ter infringido sistematicamente profundas a natureza? A situação de guerra foi imposta pelas próprias necessidades de metodologia etnográfica. Podemos considerar que estamos perante mais um desses exemplos de como a etnografia impõe a sua técnica ao etnógrafo - desde que este esteja disposto a ir para onde ela o leva, claro. Espero que, ao acabar a obra, o leitor possa reconhecer consigo em que este é um caso exemplar de riqueza e plasticidade da metodologia etnográfica. Por outras palavras, este livro estava à procura do seu etnógrafo.

Luis Quintais, revendo aqui a possibilidade e profundidade que caracteriza o trabalho a sua obra como poeta, observou nos seus estudos sobre a memória. No seu prefácio, «As aporias do tempo», ele sintetiza essa grande possibilidade entre duas formas de ver o mundo em um passado que não pode ser deixado porque assegura o presente e um passado que, porque pode ser re-